

RELATÓRIO

Audio-visual

XCKLENG

Por uma cereção feliz

UFSC

Curso de Jornalismo

## INTRODUÇÃO

Cerca de mil pessoas, entre adultos e crianças da tribo Xokleng e Guarani moram na Reserva Indígena "Duque de Caxias", em Ibirama, Santa Catarina.

Aqui eu relato como conheci suas aldeias. Quais as principais imagens e fatos resultados de viagens, mais precisamente, de seis viagens entre dezembro de 1984 e junho de 1985.

É um registro cronológico. O objetivo é dar luzes nesses detalhes aos que viram os dispositivos do audiovisual intitulado "Xokleng- Por uma geração feliz".

Viaje comigo ao Posto Indígena de Ibirama.

PRIMEIRA VIAGEM

Data: 28 de dezembro de 1981

a 30 de dezembro de 1981

Hora de saída: 9 horas da manhã

Hora de chegada: 16 horas

Desde a primeira vez que fui ao Posto Indígena de Ibirana, em 1982, muita coisa mudou. Esta primeira viagem foi para fazer reportagem sobre os estragos da inundaçãõ provocada pela ensecadeira da Barragem Norte, localizada nos limites das terras indígenas.

Mudança principal foi a construçãõ da nova estrada, cortando o Posto "Duque de Caxias" no sentido Leste-Oeste, e que margeia o principal rio da área.

Onde era a sede do PI estava tudo diferente. As casinhas que se localizavam à margem do rio, foram ou estavam erguidas em novo local, para não pegarem e enchente, que nos últimos anos tem causado grandes prejuízos a todos.

Eu viajava sozinho. Porém consegui, com certa dificuldade, encontrar a casa do Sr. Lino Nunc-Nfôonro, ex-chefe do Posto, funcionário aposentado da Funai, descendente de Kaingangue.

O professor Silvio Coelho dos Santos faz referência ao Sr. Lino em seu livro "Índios e Brancos no Sul do Brasil - A dramática experiência dos Yoklengs". E eu também já lera entrevistas dele ao jornais catarinenses.

Hospedado na casa do Sr. Lino, conversamos bastante sobre a lavoura, criação de gado e os planos que ele tinha para implantar no Posto quando chefiou a área. Ele nos falou igualmente sobre sua fé em Deus. O Sr. Lino há 20 anos é crente da Assembleia de Deus. Ele também relatou que em sua época à frente do PI é que os Guaranis vieram para a área, depois de caminharem nômades entre Rio Grande e Santa Catarina.

Os Guaranis chegaram ao Posto em 1979. Na época o Sr. Lino era o chefe. Eles perambulavam pelos Estados do Sul, em famílias, embora oficialmente estivessem inscritos numa reserva do Rio Grande do Sul. A situação deles era precária, famintos, doentes e rotos. O Sr. Lino reuniu as lideranças do Posto para decidir o que fazer. E ficou acertado que eles morariam na área em local delimitado, na localidade de Toldo, em direção ao povoado branco chamado Denekee. E a transferência foi oficializada junto à Funai.

Os Guaranis tem liderança própria. Elegem o cacique com a presença de representantes da Funai e dos Xokleng. Todos os índios maiores de 18 anos votam. Eleição secreta ou voto secreto.

No momento eles vivem em duas aldeias na mesma localidade e suas lideranças têm atritos, normalmente "aparados" pela chefia do Posto.

Eles são proibidos de explorar madeira, mas ajudam os Xokleng a fazê-lo. Tem parentesco entre si. Vivem basicamente da agricultura de subsistência, bem como artesanato. Eles plantam feijão,aipim, batata e milho para consumo próprio. Criam galinhas, pescam e sempre o homem é seguido por um cão. Bebem muita cachça pura ou com frutas. Vivem em situação precária, doentes, crianças desnutridas, mas tem momento de alegria nas árvores de frutas silvestres e sombras próximas das casas de costaneiras.

## SEGUNDA VIAGEM

Data: 2 de fevereiro de 1985

de fevereiro de 1985

Hora de saída de Foolis.: 7 horas da manhã

Hora de chegada: 18 horas

Meio de transporte: ônibus

No sábado pela manhã, já conhecendo o caminho após a primeira viagem de carro, para o projeto, tomei ônibus com destino a Ibirama. Almocei na cidade e esperei até às 15 horas para pegar o "pinga-pinga" para a Reserva. O ônibus do Denekee passa dentro da Reserva. É uma nova estrada, construída pelo DNCS.

No final da tarde, no percurso, Distrito de José Boateaux, até a Barragem Norte, de dentro do ônibus contei vários caminhões carregados de toras. Estavam saindo do Posto.

Escrevi reportagem para O ESTADO, publicada na edição do dia 5 de fevereiro de 1985.

Nesta viagem fotografei o primeiro filme de slids, 26 poses. O objetivo inicial era retratar a paisagem, as pessoas, o ambiente sem um texto rígido.

Visitei pessoas residentes nas proximidades da casa do Sr. Lino onde fiquei hospedado. Queria principalmente ouvir, conhecer, para depois pensar em texto, fotos, enredo. Vivenciar. O rio é muito bonito. O mato cobre o barranco. Mato virgem. Eles fazem roça nas encostas. Tem animais domésticos. O banho é água fria que vem através de mangueira para uma chuveiro improvisado, uma casinha, no quintal.

## TERCEIRA VIAGEM

Data: 17 de março de 1985

19 de março de 1985

Hora de saída: 6 horas da manhã

Hora de chegada: 14 horas

O fato mais importante desta viagem, de carro próprio, foi a visita ao funcionário da Funai, Sr. Batista, que chefia o Posto.

O objetivo da visita, além de conhecer o trabalho da Funai e o pensamento do funcionário, era pedir autorização oficial para trabalhar, isto é, desenvolver o projeto na área.

Na casa do extensionista da Funai, técnico agrícola, que reside no Posto, fui recebido. Perguntei o que era necessário para ter autorização. Batista respondeu que tinha de falar com Curitiba, com o delegado do órgão, a quem está submetido. Ele pediu o telefone e ele me deu.

Com respeito ao extensionista, aparentando cerca de 30 anos, casado, pai de dois filhos, o mais importante é que ele trabalha sem nenhuma ajuda da Funai. Eles não tem sementes, nem adubo nem corretor do solo, nada.

Entreguei ao Batista, que aparenta cerca de 30 anos, também, um poster colorido sobre o rio próximo ao local onde moram os Guaranis, no Toldo. Ele ficou entusiasmado, disse que colocaria na sala ou escritório do Posto. São construções novas, levantadas em local livre das enchentes.

Em suas casas de madeira, pintadas de azul, os funcionários dispõem de eletrodomésticos, como toca-discos, gravador, rádios potentes, geladeira e liquidificador. A luz chega a rede de energia elétrica termine na casa deles. O chefe dispõe de um Fiat novo. Batista também é casado e está no lugar há cerca de dois anos.

Para chegar até a casa deles, rodei de carro cerca de 50 quilômetros, ida e volta. Atravessei todas as obras da Barragem Norte. Fiz fotos detalhadas na Barragem, bem como de cenas e objetos no caminho. Um filme de 36 poses. Tem uma fazenda, praticamente dentro da área. Eles convivem. Os colonos plantam fumo.

O Sr. Lino disse que vinha à Capital para tratar da indenização de sua propriedade. Ele disse que o advogado Reinaldo de Alvaro Reinaldo de Souza, foi encarregado pela OAB para encaminhar um processo, ou uma ação reclusória por perdas e danos causados pela enchente provocada pelas obras da Barragem Norte. Seria contra o IR DNCS. Mas fazia meses que não conversava com o advogado Alvaro Reinaldo de Souza e não sabia se tinha encaminhado ou não.

Ofereci minha residência para ele ficar, enquanto resolvia seus problemas na Capital, mas ele não veio.

QUARTA VIAGEM

Data: 03 de abril de 1985

05 de abril de 1985

Hora de saída de Foolis: pela manhã

Hora de chegada a Ibirama: à tarde

Nesta viagem não fui ao Posto, mas fiquei em Ibirama no final de semana. Objetivo principal: fotografar os caminhões, máquinas e tratores apreendidos pela Polícia Federal em operação conjunta com o IBDF para punir os devastadores da área. Não se sabe quanto madeira existe na área de 17 mil hectares.

Mas foram apreendidas 97 toras, 11 caminhões, 10 tratores. Além disso, foram instaurados 12 inquéritos, envolvendo 22 pessoas, entre lenhadores brancos, muitos casados com índias, motoristas e proprietários de serrarias e indústrias de óleo de sassafrás.

Fotografei o material apreendido no pátio da prefeitura. Estava à pé, isto é, de ônibus, com uma mala. Foi trabalhoso. Conversei com os vizinhos. Eles têm consciência do que está acontecendo, isto é, da devastação da área. Criticam os donos das serrarias mas a cidade a é pequena e eles temem. Os grandes proprietários, pertencem a famílias tradicionais, com muito dinheiro. Decidem a política local. Dão empregos. Mandam para o eixo Rio-São Paulo e para o exterior, os objetos fabricados com madeira roubada.

## QUINTA VIAGEM

Data: 11 de maio de 1985

Hora de chegada no Posto: 16 horas

Hora de saída do Posto: 18 horas

Em viagem a Lages, de carro, passei pelo Posto Indígena na volta, pois estava no caminho. Da BR 401, trevo de Ibirama até ao Posto são cerca de duas horas de carro.

O Sr. Lino não estava.

Perguntado pelos filhos do Sr. Lino sobre o andamento do projeto, expliquei que haviam tentado obter uma autorização oficial da Funai mas que os impedimentos burocráticos eram grandes. Eles me aconselharam a terminar o trabalho sem a autorização, pois sabem que era demorado.

Ao voltar da terceira viagem, telefonei para Curitiba, falei com os assessores do delegado da Funai, Eustáquio Machado. Depois de dois telefonemas senti a enrolação. Nunca estavam. O delegado nunca me atendeu.

Remeti cópia do projeto de conclusão do curso, fotocópia de todos os documentos pessoais e solicitação para fazer o audiovisual. Resultado, recebi uma cópia do regulamento da Funai, cerca de cinco laudas, sobre a autorização para pesquisa em reservas indígenas. Além de muitos exames médicos, officios de professores, diretores etc e tal, eles solicitam remédios e vacinas contra tudo que é doença. Mas nesse caso pensei que era exagero, pois a estrada corta a Reserva, qualquer pessoa pode atravessar, parar, visitar as famílias indígenas que moram ao lado da estrada. Decidi continuar o trabalho, tendo ido, inclusive, as aldeias do interior da área.

Data: 1º de junho de 1985

2 de junho de 1985

Hora de saída de Fpolis: 7 horas

Hora de chegada: 13 horas

Permaneci dois dias na Aldeia Alto Eugios, interior da Reserva. Da sede do Posto atravessei de carro, por estradas secundárias, em direção Noroeste.

Alto Eugios tem mais de 50 famílias, que moram há cerca de um ano no local. São os novos desbravadores, índios sem terra, isto é, que moravam na sede mas as águas da Barragem vão inundar as terras onde moravam. São novos índios querendo fazer a vida com a venda de madeira para as serrarias. Buscando uma opção para sobrevivência. Querendo construir. Em busca do seu chão.

Entreí no local graças a amizade de dois moradores, um guarani e um xokleng, que tinham vindo à sede, na casa do chefe do posto.

A situação da maioria das famílias é precária, embora tenham uma fazenda comunitária com 40 cabeças de gado, mais ou menos, escola, e enfermaria, sem remédios, porém com uma atendente. No local também foram construídas algumas casas de madeira, pintadas a óleo, por uma empreiteira que ganhou concorrência em troca de madeira. Mas o contrato foi interrompido, a pedido do IEDF, e as casas não foram suficientes para todos. Tem família em rancho, precariamente. Com crianças doentes.

Levei à maternidade, <sup>distante</sup> ~~distante~~ cerca de 40 quilômetros de Alto Eugios, uma índia que deu à luz uma menina. Ela começou a sentir contrações forte à noite e não iria sobreviver, pois sofre do coração. O atendimento que teve no Hospital do Funrural do município mais próximo lhe salvou a vida. O carro chegou em boa hora.

## CONCLUSÕES

Após seis meses de viagens, leituras, fotografando e entrevistando, valeu a pena este projeto de conclusão de curso.

Aos formandos que estão interessados em fazer um audiovisual sugerimos:

1. Não decida antes de verificar suas finanças e saber se tem condições para gastar. O curso forneceu três filmes com cerca de trinta poses cada. Gastei o dobro de filmes. Também paguei as revelações, as molduras, as viagens e as hospedagem. Os pernoites e a comida na casa do Sr. Lino foram pagas, com a minha insistência.
2. Você conta com gravador e fites próprios?
3. Você dispõe de tempo? É compatível com o cronograma de trabalho?
4. Para contar com o laboratório do curso de Jornalismo para fazer o áudio e a bipagem, tem de entrar na fila, caso seja final de semestre. A fila é longa. Tem de levar isto em consideração. Caso tenha de contratar um estúdio de som lembre-se que é caro. Paguei R\$ 100 mil para ter a ajuda dos operadores de som do estúdio de rádio da Açoresco. Eles foram autorizados a fazer em horas vagas. O locutor não cobrou, porque seu preço não era acessível ao meu orçamento.
5. É mais barato e talvez mais fácil, dependendo de cada um, realizar como trabalho de conclusão de curso, uma grande reportagem.

Mas estou satisfeito com o resultado do projeto, especialmente por registrar, pela primeira vez, em áudio-visual a Reserva Indígena de Ibirema e contribuir para "Uma geração feliz".